

20 MAR 1997

26 • ECONOMIA

FHC O GLOBO

COMPUTADORES

Impressoras Matriciais - Laser - Jato de tinta - FAX

Aluguel 253-6712 e 253-6388

PANORAMA ECONÔMICO

MÍRIAM LEITÃO



A conta de FH

• A equipe econômica é que vai decidir o que fazer com os recursos da privatização das telecomunicações, garante o presidente Fernando Henrique, contrariando o que disse o ministro Sérgio Motta. Fernando Henrique reage às críticas ao déficit público dizendo que seu governo tem tomado decisões duras. Responde aos críticos do Fundo da Vale e avisa que o Governo não vai favorecer o capital nacional no leilão.

O presidente que está preocupado com o déficit externo, como publicado na coluna de ontem, acha que no déficit público as críticas ao Governo são infundadas. Fernando Henrique acha que seu governo tem feito o possível e continuará fazendo, mas que este é um trabalho de longo prazo.

— Acabar com um déficit de 6% do PIB é difícil mesmo. Tem que ser um trabalho de anos, mas os números estão melhorando — disse usando o dado do déficit nominal, a medida que os economistas da equipe acham a mais correta para estes tempos em que o país chegou a níveis civilizados de inflação.

Ponderei que na ponta do lápis o ganho fiscal das reformas administrativas e da Previdência, ainda que fossem aprovadas hoje na sua melhor versão, é pequeno.

— A curto prazo sim. Mas os ganhos dessas reformas são de médio prazo e, mais do que isto, permanentes.

Mas as propostas não teriam que ser mais ousadas?

— Se fossem não passariam no Congresso. O Governo chegou a propor mudanças mais radicais mas teve que recuar — disse o presidente.

Eu insisti na conversa com o presidente que até o ganho fiscal da privatização é pequeno. A venda de uma das mais valiosas empresas brasileiras, a Vale, vai produzir uma redução de dívida de 0,3% do PIB, o que será certamente tragado pelo ritmo acelerado de crescimento da dívida.

— A venda da Vale não está sendo feita apenas pelo ajuste fiscal. Isto seria errado. Claro que temos que abater dívida, mas a empresa está sendo vendida porque o Estado não pode mais tocar este tipo de investimento, não tem recursos — disse.

Ele acha que os investimentos necessários ao crescimento da Vale virão dos seus novos donos, entre eles empresas estrangeiras. O presidente acha que haverá disputa pela Vale, o que deve elevar os ganhos do Governo. E garante que não tem qualquer preferência por empresas de capital nacional em detrimento de empresas estrangeiras. Garante que nem o BNDES nem qualquer banco oficial financiará os compradores. Os compradores

terão que ter dinheiro vivo para comprar a empresa.

O presidente leu e não gostou das críticas feitas por alguns economistas, entre eles André Lara Resende e Armínio Fraga, à idéia de usar parte dos recursos da venda da Vale para investimentos no setor privado.

— Eu sei. Eles acham que tudo é o mercado, tudo é o mercado. O Brasil é maior do que o mercado — disse.

Sobre os recursos da venda das teles, o ministro Sérgio Motta tem dito que eles não serão usados para abater dívidas. O presidente foi enfático:

— O dinheiro será usado no que a equipe econômica achar que é o correto.

Depois ele explicou que há um equívoco elementar nesta crítica. Errado seria usar os recursos para investimentos no setor público porque isto aumentaria o déficit. Mas a engenharia montada para o Fundo da Vale permitirá uso de recursos para investimentos necessários ao país, a serem tocados pelo setor privado, e ao mesmo tempo abatimento de dívida, porque na montagem do Fundo o BNDES vai assumir dívidas do Tesouro com a Caixa contraídas no FCVS.

— É abatimento de dívida que ainda nem está contabilizada nos números oficiais, mas existe.

Não há argumento que abale a convicção do presidente de que ao vender a Vale está fazendo o que deve ser feito. Tem respostas na ponta da língua e mostra que sabe detalhes do edital, ou a lista de interessados. A idéia de que seria melhor vender separadamente as empresas da Vale, como sugere Eliezer Batista, não o convence.

— Exceto o Eliezer, a Vale inteira pensa que é melhor vender em bloco. O Luiz Carlos (Mendonça de Barros) tinha dúvidas, estudou o caso, viajou e concluiu que o Governo perderia dinheiro se vendesse empresas em separado.

O risco político de vender uma empresa como a Vale, enfrentando oposição de vários setores, também não o intimida. Ele disse que o país comprou a idéia da privatização e que as pesquisas mostraram que até em Minas Gerais a maioria da população concorda com a venda da Vale.